

O rompimento da barragem de Brumadinho: disputa de sentidos nas tramas discursivas do Twitter¹

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes²

Ivanei Ferreira Araujo³

Resumo: Este trabalho pretende analisar a discursivização, em materialidades publicadas no *Twitter*, do rompimento da barragem de Brumadinho, utilizando como base o arcabouço teórico da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana. Nossos objetivos são analisar os efeitos de sentidos produzidos sob as condições do espaço digital a partir das relações entre as diferentes ordens discursivas, em seus confrontos e alianças; questionar as evidências de sentidos produzidas pela ideologia, identificar as diferentes posições-sujeito que funcionam no discurso e verificar como a memória estabiliza/desestabiliza sentidos (não)ditos sobre a causa ambiental. As análises apontam que, nessa trama discursiva, funciona uma disputa de/por sentidos entre acidente/tragédia e crime.

Palavras-chave: Rompimento da barragem em Brumadinho. Discurso midiático digital. Sujeitos e sentidos em confronto.

BRUMADINHO DAM COLLAPSE: DISPUTE OF MEANINGS IN THE DISCURSIVE PLOTS OF TWITTER

Abstract: This work aims to analyze the discursivization, in materials published on Twitter, of the Brumadinho dam collapse, using as a basis the theoretical framework of Discourse Analysis (DA) of Pecheuxtian affiliation. Our goal is to analyze the meaning effects produced under the conditions of the digital environment based on the relationships between different discursive orders, in their confrontations and alliances. Also is our goal to question the evidence of meanings produced by ideology, to identify the different subject positions that work in the discourse and check how memory stabilizes/destabilizes (un)said meanings about the environmental cause. Our analysis shows that, in this discursive plot, there is a dispute of/for meanings between accident/tragedy and crime.

Keywords: Brumadinho dam collapse; digital media discourse; subjects and meanings in confrontation.

1 O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Agradecemos ao Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual Do Sudoeste Da Bahia.

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL). Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (GPADis). E-mail: <cortesgr@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5407186161806188>>

3 Mestrando em Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso GPADis. Bolsista Capes. E-mail: <ivanei9@gmail.com>. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/9036882994728195>>.

Introdução

A barragem da região de Córrego do Feijão, no município de Brumadinho - MG, controlada pela mineradora Vale S.A., se rompeu no dia 25 de janeiro de 2019, resultando em um desastre ambiental e social que deixou mais de 200 mortos e contaminou com rejeitos de mineração uma extensa área.

O acontecimento teve grande repercussão no Brasil e no mundo, ganhou forte ressonância nas mídias jornalísticas e nas redes sociais. No *Twitter*, somente nos primeiros dias após o rompimento, foram feitos quase quatro milhões de publicações sobre o assunto (FGV/DAPP, 2019). Autoridades, ambientalistas, representantes da Vale S.A e a população em geral utilizaram essa plataforma para se manifestar.

Pelos impactos sociais causados e considerando as relações de poder que envolvem o fato, este artigo pretende analisar a discursivização do rompimento da barragem de Brumadinho, em materialidades publicadas no *Twitter*, utilizando como base o arcabouço teórico da Análise de Discurso (AD) de filiação pecheuxtiana. Nossos objetivos são analisar os efeitos de sentidos produzidos sob as condições do espaço digital a partir das relações entre as diferentes ordens discursivas, em seus confrontos e alianças; questionar as evidências de sentidos produzidas pela ideologia, identificar as diferentes posições-sujeito que funcionam no discurso e verificar como a memória estabiliza/desestabiliza sentidos (não) ditos sobre a causa ambiental.

Referencial teórico

A Análise de Discurso (AD), fundada por Pêcheux, surge nos anos 60 na França, em um contexto de questionamentos e debates entre estudiosos da linguística, do marxismo e da

psicanálise, buscando repensar as relações do sujeito, articuladamente à linguagem, à exterioridade e à ideologia. A AD considera a não-transparência da linguagem, pois os sentidos das palavras não estão presos à sua literalidade, enquanto o sujeito não é visto como dono do seu dizer, mas como uma posição, entre outras, no discurso. Segundo Pêcheux ([1969] 1997), o discurso não se trata necessariamente de uma transmissão de informação, mas, de modo mais geral, de um efeito de sentidos entre interlocutores.

A AD trabalha no lugar de interpretação que os pontos de deriva possíveis nos enunciados oferecem, pois, como afirma Pêcheux ([1988] 2006, p. 53), toda descrição está “intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

Especificamente, este artigo tratará de materialidades digitais e, visto que “os sentidos não são indiferentes à matéria significativa” (DIAS, 2016, p. 11), o digital é considerado em sua opacidade (DIAS, 2016). Além disso, o virtual é concebido para além dos seus aspectos tecnológicos, pois, conforme Cortes (2015, p. 28), “sua constituição também envolve o espaço físico e o discursivo, sendo este pensado articuladamente à história, afetado pela exterioridade”.

No caso do *Twitter*, sua principal peculiaridade é o formato de microblog, que limita os caracteres e põe em circulação textos curtos, o que inscreve a temporalidade imediatista do online na própria língua e cria um espaço discursivo heterogêneo (MOREIRA; ROMÃO, 2011). O digital é também heterogêneo em sua forma, as materialidades nas redes são constituídas de *links*, imagens, vídeos, *emojis*, *hashtags*, nas quais funcionam também as redes de discursos. Estas materialidades podem ser retomadas, através de *retweets*⁴ e comentários,

⁴ O *retweet* funciona como um compartilhamento de um

tanto para se subjetivar na mesma posição-sujeito ocupada pelo sujeito discursivo que funciona nas publicações, como para assumir uma posição-sujeito em oposição. Porém, a materialidade digital não precisa necessariamente ser gerada nos meios virtuais, ela é caracterizada por sua discursividade (DIAS, 2016), que, conforme Orlandi (2008, p. 20), corresponde à “inscrição dos efeitos da língua na história”.

Em nossos gestos de análise serão mobilizadas, em especial, as noções de sujeito, interdiscurso, memória discursiva, metáfora discursiva e silenciamento.

Conforme Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997), o sujeito na AD é interpelado pela ideologia e se assujeita, sendo conduzido sem se dar conta a ocupar uma, entre outras, posição no discurso, mas tendo a impressão de estar exercendo sua própria vontade. Assim, o sujeito é constituído no processo da interpelação pela ideologia e identificação com uma formação discursiva (FD), que é definida por Pêcheux ([1975] 1995, p. 160) como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.

Dessa forma, a ideologia traz a ilusão de transparência da linguagem e a formação discursiva regula o que pode ou não ser dito em determinada conjuntura. O que significa que as palavras têm seus sentidos dependentes da formação discursiva na qual são produzidas, enquanto a ideologia mascara o “caráter material dos sentidos” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 160). Por conseguinte, palavras iguais podem ter sentidos diferentes e palavras diferentes podem ter sentidos iguais, dependendo da formação discursiva.

Os sujeitos, no processo de **relações** com uma dada FD, podem reproduzir (ou confrontar) os discursos que ali funcionam, tendo a ilusão de *tweet* feito pelo próprio usuário ou outra pessoa.

singularidade criada pelos esquecimentos. Estes esquecimentos são definidos por Pêcheux da seguinte forma:

Concordamos em chamar esquecimento nº2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada. Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº1 remetia, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que, como vimos, esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 173).

A formação discursiva é determinada pelo exterior. Isto é ocultado do sujeito-falante, dominado por esta FD, pelo esquecimento nº1, enquanto o esquecimento nº2 dá a ilusão de liberdade ao sujeito-falante, mascarando o seu funcionamento na formação discursiva. Assim, “o efeito da forma-sujeito do discurso é, pois, sobretudo, o de mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº1, pelo viés do funcionamento do esquecimento nº2” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 177). O sujeito do discurso se identifica com a forma-sujeito e esquece que foi este reconhecimento que o fez sujeito, passando a se ver como “sempre-já” sujeito. Mesmo assujeitado, ele tem a ilusão de ser consciente e ter liberdade, desconhecendo sua determinação no discurso.

A tomada de posição não se origina no sujeito, é um efeito na forma-sujeito determinado pelo interdiscurso (PÊCHEUX, [1975] 1995). Indursky (2008) discute o processo de tomadas de posição abordado por Pêcheux. A autora afirma que, em um primeiro momento, a forma-sujeito foi vista como dotada de unicidade, assim, a formação discursiva era percebida como fechada e homogênea. Porém, mais adiante, foi percebido

que o sujeito do discurso poderia tomar várias posições em uma FD. Indursky (2008), com base em Pêcheux, explicita o funcionamento das três modalidades de tomadas de posição.

A primeira é a identificação, quando o sujeito do discurso está plenamente de acordo com a forma-sujeito da FD. O que configura o que Pêcheux chamou de bom sujeito e gera uma unicidade imaginária da forma-sujeito. A segunda modalidade é a contraidentificação, quando a tomada de posição se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes da FD, com a qual o sujeito do discurso se identifica. Trata-se do mau sujeito, que se identifica apenas parcialmente com a forma-sujeito e, então, questiona os saberes, instaurando o desdobramento da forma-sujeito. Este desdobramento faz com que a FD não se apresente mais como homogênea e fechada. A terceira modalidade é a desidentificação, na qual o sujeito do discurso se desidentifica com uma FD, rompendo com o domínio de saberes dela e se identificando com outra. Dessa forma, há uma movimentação do sujeito.

Assim, a FD é determinada pela natureza da forma-sujeito, que é fragmentada e “determina a heterogeneidade da formação discursiva que é por ela organizada” (INDURSKY, 2008, p.7). A FD é dividida, atravessada por saberes de outras FDs e, dessa maneira, pode abrigar distintas posições-sujeito, instaurando a igualdade e a diferença. Ademais, as fronteiras da FD são instáveis, o que permite a movimentação dos sujeitos e dos sentidos.

O sujeito é constituído por elementos do interdiscurso, que abriga tudo o que já foi dito e esquecido. De acordo com Pêcheux, o interdiscurso é o “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 162) e também “a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como “sujeito falante” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 167).

Na Análise de Discurso, a constituição de sentido depende da relação com a memória. Mas, conforme aponta Indursky (2011, p. 71), “a memória de que se ocupa a AD não é de natureza cognitiva, nem psicologizante”. Para Pêcheux, a memória discursiva é o que “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (...) de que sua própria leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, [1983] 1999, p. 52). O autor afirma que ela está diretamente ligada ao interdiscurso. Já a metáfora discursiva, ainda segundo Pêcheux, é constitutiva do sentido:

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*meta-phora*), pela qual elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se “revestem de um sentido” não poderia ser predeterminado por propriedades da língua, pois isso seria admitir que os elementos já estão dotados de sentido, que têm primeiramente sentido ou sentidos, antes de ter um sentido. De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, sinônimos), das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 263).

Conforme o Pêcheux ([1975] 1995), o interdiscurso determina a metáfora discursiva. E o efeito metafórico é o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y” (Pêcheux, [1969] 1997, p. 96). Este efeito acontece nas relações de paráfrase e polissemia. Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) afirmam que a produção do sentido é indissociável da relação de paráfrase entre sequências, sendo os efeitos de sentido constituídos na relação no interior de famílias parafrásticas. Na esteira deste pensamento, Orlandi (2012b, p. 38) explica que “a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo”, enquanto

que a polissemia, definida pela autora como “diferentes movimentos de sentidos no mesmo objeto simbólico”(ORLANDI, 2012, p. 12), é um requisito para a constituição dos discursos, pois eles não existiriam sem a possibilidade da multiplicidade dos sentidos. Dessa forma, a autora tem uma hipótese de trabalho que “coloca a tensão constitutiva do processo parafrástico e polissêmico como estando na base de constituição de sentidos, no funcionamento da linguagem” (ORLANDI, 2012, p. 12), entendendo que os sentidos não estão prontos, mas sempre se movimentando em um jogo entre a estabilização e a ruptura, o mesmo e o diferente.

Os sentidos também são formados pelos não-ditos. Orlandi (2007) aprofunda os estudos sobre os efeitos discursivos do silêncio. A autora afirma que “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (ORLANDI, 2007, p. 12) e traz a noção do silenciamento, segundo o qual quando se diz uma coisa, não se diz outra, de forma que um dizer silencia outro possível, uma palavra apaga a outra.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, foi coletado, primeiramente, um *corpus* empírico constituído de postagens (*tweets*, *retweets*), comentários realizados no *Twitter*, bem como formulações verbais, vídeos e imagens incorporadas nas postagens. O processo de coleta foi realizado através de buscas com palavras-chaves e *hashtags*, referentes ao rompimento da barragem de Brumadinho, por meio de uma ferramenta de pesquisa avançada do próprio *Twitter*. Posteriormente, os resultados foram armazenados utilizando a ferramenta de captura de tela, tendo sua data de acesso e *URL* salvos para registro.

A partir deste *corpus* empírico, foi constituído o *corpus* discursivo⁵, composto por dez sequências

discursivas (SDs) selecionadas, utilizando o critério da regularidade discursiva. A noção de regularidade é apresentada por Foucault (2010, p. 43), que a define como “uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações”. Na esteira deste pensamento, Courtine (2009), ao explanar as orientações teóricas para os procedimentos de análise de uma sequência discursiva, ressalta que as materialidades podem ser referidas a um lugar determinando, o que equivale a “atribuir ao ato de enunciação de uma sequência discursiva de referência a regularidade de uma prática, assim como a caracterizar os rituais que a regulam” (COURTINE, 2009, p. 108). Segundo o autor, o processo de escolha de uma sequência discursiva corresponde a “determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na circulação de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam...” (COURTINE, 2009, p. 108).

Outro critério observado na constituição do *corpus* discursivo foi a representatividade de diferentes ordens discursivas, como o discurso empresarial; o discurso governamental; o discurso midiático digital; o discurso ambientalista; o discurso do senso comum; além de outros possíveis. Entendemos que, conforme Orlandi (1996), a ordem discursiva é constituída na relação entre as ordens da língua e da história, considerando a articulação entre o simbólico e o histórico.

A análise foi feita em um batimento entre a descrição e a interpretação (PÊCHEUX, [1988] 2006), tendo em conta que, segundo Mittmann (2005, p. 1), “o *corpus* não está dado, mas é construído pelo gesto do analista de ler, relacionar, recortar e, novamente, relacionar”.

discursivo é “conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido com referência a um certo estado das condições de produção de discurso”.

Resultados e discussão

As materialidades selecionadas foram organizadas em dez sequências discursivas (SDs) expostas a seguir:

Figura 1 - SD 1 – Pronunciamento do presidente da Vale S.A.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088959034772934656>>. Acesso em 12 de agosto de 2019.

A sequência discursiva 1 (SD 1) é um *tweet* da empresa Vale S.A. publicado poucas horas após o rompimento da barragem de Brumadinho e faz parte de uma *thread*⁶ de *tweets* feitos para anunciar o rompimento. Este é o último *tweet* da *thread* e apresenta um vídeo incorporado do *Youtube*, no qual o presidente da empresa, Fabio Schvartman, faz um pronunciamento oficial. A postagem foi marcada com a *hashtag* #Brumadinho. De acordo com Silveira, “uma *hashtag* é criada quando o símbolo # (*hash*, em inglês) é associado a uma palavra, formando uma *tag* (etiqueta). Desse modo, uma *hashtag* é uma palavra-chave, que, no *Twitter*, ganha algumas funções extras” (SILVEIRA, 2013, p. 2). Uma dessas funções é o agregamento de publicações sobre um mesmo tema. A *hashtag* #Brumadinho agregou a maior parte dos *posts* sobre o rompimento e esteve nos *trending topics*⁷ no dia em que o fato ocorreu (FRANCO, 2019). O excerto que vamos analisar foi transcrito do vídeo incorporado no *tweet* e encontra-se entre 0:46s e 1:15s, quando o empresário inicia seu pronunciamento:

⁶ A *thread*, também chamada de fio, é uma sequência de *tweets* interligados.

⁷ Lista com palavras mais postadas no *Twitter* no momento.

“Senhores, eu queria antes de mais nada, dizer que é com enorme pesar que a gente relata o **acidente** que aconteceu na barragem de Feijão, lá em Brumadinho, que isso foi uma enorme **tragédia** totalmente... nos pegou **totalmente de surpresa**, eu estou completamente dessa.. Dilacerado com o que aconteceu” (grifo nosso).

Nesta formulação, Fabio Schvartman fala a partir do lugar social de presidente da empresa. Segundo Pêcheux ([1969] 1997), os lugares determinados na estrutura de uma formação social, como o local do patrão ou do funcionário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. Para o autor, esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. E o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que os interlocutores “se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, [1969] 1997, p. 82). Consonante com este pensamento, Grigoletto (2005, p. 5) afirma que “o sujeito sempre fala de um determinado lugar social, o qual é afetado por diferentes relações de poder, e isso é constitutivo do seu discurso”. Todavia, o que importa em AD não é o lugar empírico, mas o imaginário dos lugares e dos sujeitos.

Desse modo, o termo “*a gente*” materializa o discurso da Vale S.A., visto que o enunciador, na SD 1, fala a partir do lugar da empresa, e assim, interpelado pela ideologia, se identifica com a Formação Discursiva Empresarial. E, identificado com a forma-sujeito desta FD, ocupa uma posição-sujeito que defende o discurso empresarial, que visa somente o lucro e não leva em conta as vidas dos funcionários e os prejuízos ambientais.

Os termos “acidente” e “tragédia” materializam efeitos de sentido de imprevisibilidade, acaso e não-intencionalidade em relação ao rompimento da barragem. O mesmo acontece com o uso da expressão “totalmente de surpresa”, na qual funciona outra posição-sujeito, a de isenção de culpa da Vale S.A. pelo ocorrido. Além disso, no uso de “enorme pesar” e “dilacerado” funciona um efeito de vitimização, materializando um efeito de sofrimento pelo qual a empresa estaria passando.

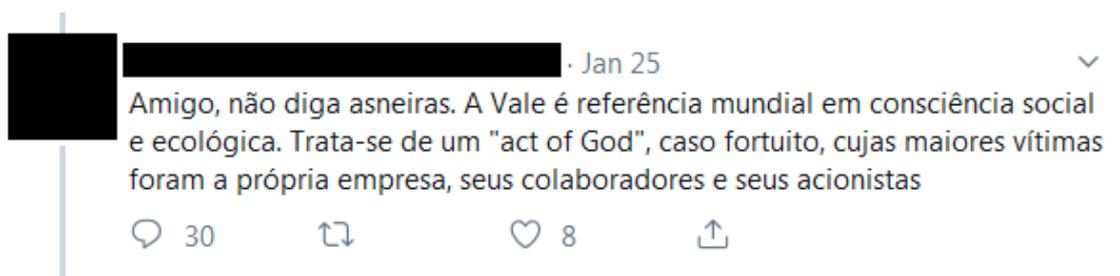
Em seguida, analisaremos as próximas sequências discursivas, que trazem dois comentários da *thread* de anúncio feita pela Vale S.A.:

Figura 2 - SD 2– Primeiro comentário digital.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>>. Acesso em 12 de agosto de 2019

Figura 3 - SD 3 – Segundo comentário digital.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/valenobrasil/status/1088855974646071296>>. Acesso em 12 de agosto de 2019

A sequência discursiva 2 (SD 2) e a sequência discursiva 3 (SD 3) apresentam *tweets* feitos por internautas em resposta ao anúncio da Vale S.A na SD 1. Estas publicações são comentários digitais, um recurso que permite ao leitor se constituir enquanto sujeito discursivo nas mídias digitais e produzir sentidos, instaurando tanto a estabilização de sentidos como também os contradiscursos. Estas particularidades do digital afetam a produção de sentido. Conforme Dias, a digitalização do mundo “desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção” (DIAS, 2016. p.3). Vejamos, então, como se dá esse processo nestes comentários.

No primeiro comentário, é pedida a prisão dos executivos da empresa, que são discursivizados como criminosos. O *tweet* possui uma charge com o logo da empresa vazando lama. Ao clicar na imagem, a sua versão completa apresenta também o dizer “Vale?”, que materializa a questão financeira, perguntando sobre o valor, ao mesmo tempo que questiona a moral da empresa.

A postagem é marcada com as *hashtags* #brumadinho e #ValeAssassina. Esta última *hashtag* foi uma das mais utilizadas na semana do rompimento (FGV/DAPP, 2019) e materializa efeitos de sentidos de condenação à Vale S.A., por negligência em relação aos riscos de rompimento da barragem de Brumadinho. Conforme Silveira:

“o aparecimento de um enunciado em forma de *hashtag* inaugura (...) uma relação particular entre os sujeitos e o acontecimento discursivo; entre a língua e a tecnologia; entre a estrutura e o acontecimento” (SILVEIRA, 2013, p.1). Assim, de acordo com o discurso que funciona nesta SD, o sujeito discursivo ocupa uma posição-sujeito de contestação ao discurso empresarial materializado na SD 1, contrapondo o discurso da Vale S.A.

Em seguida, há um segundo comentário em resposta ao primeiro, discursivizando o rompimento como um “*act of God*” (do inglês “ato de Deus”, tradução nossa). Ocorre aí o atravessamento de um efeito de sentido do discurso religioso, que isenta a Vale S.A. de qualquer culpa por entender que o acontecido foi provocado por uma força divina. Ao considerar que o rompimento foi um caso fortuito, o autor da formulação assume uma posição-sujeito de isenção de culpa da Vale. Nesse caso, o sujeito sofre interpelação ideológica tanto da FD religiosa, quanto da FD empresarial, já que o discurso se alinha aos sentidos da isenção da Vale no que tange ao rompimento da barragem.

Além disso, na formulação, funciona um apagamento de sentidos do sofrimento das vítimas que perderam suas vidas, moradias, entes queridos, além de outros prejuízos sociais e ambientais. Assim, o sujeito-internauta na SD 3, no jogo discursivo, ocupa uma posição-sujeito identificada com a FD empresarial, que considera que as maiores vítimas

do rompimento foram a empresa, colaboradores e acionistas, focando apenas na questão financeira. Esta visão da vida e de aspectos sociais a partir de uma perspectiva econômica é um atravessamento do discurso neoliberal, que, nesta materialidade, funciona em aliança com a FD empresarial. O neoliberalismo é um modelo econômico que busca uma menor intervenção do Estado na economia e fortalecimento do setor privado. Entre as práticas comuns do neoliberalismo estão a redução de impostos, corte de investimentos na área social e privatização de estatais que prestam serviços básicos à população mais carente. Júnior e Kontz (2016, p. 11), ao caracterizarem a conjuntura neoliberal, declaram que: “o Estado defende os interesses das empresas e prejudica grande parcela da população”.

A próxima SD apresenta a primeira publicação do Ministro do Meio Ambiente sobre o rompimento da barragem de Brumadinho.

Figura 4 - SD 4 – *Tweet* do Ministro do Meio Ambiente



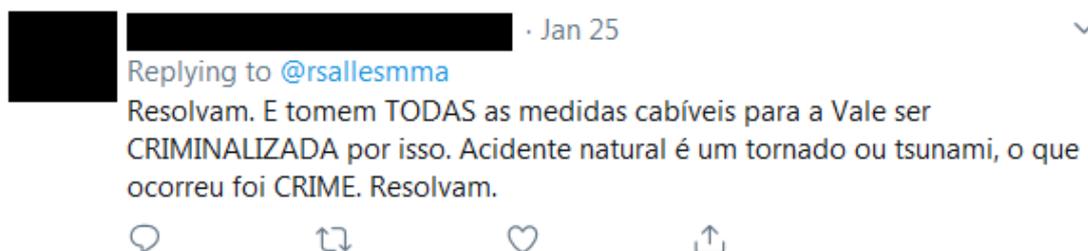
Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>>. Acesso em 07 de agosto de 2019

A SD 4 é composta por um *tweet* do então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles. A publicação é constituída por uma foto do Ministro sentado ao centro, no interior de uma aeronave, tendo à sua direita o procurador-geral da Justiça de Minas Gerais, Antônio Sérgio Tonet, e, à sua esquerda, o Governador de Minas Gerais, Romeu Zema. A imagem é acompanhada de um texto que informa o deslocamento para “o local do **acidente** em Brumadinho” (grifo nosso).

Esta postagem gerou muita polêmica nos comentários pelo uso do termo acidente. Embora a ideologia instaure a ilusão da transparência da linguagem, provocando um efeito de evidência dos sentidos, as palavras não têm sentidos que lhes sejam próprios. Conforme Pêcheux (1995, p. 160), “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Assim, na SD 4, o termo acidente materializa efeitos de sentido de algo fortuito e silencia outros sentidos possíveis, como crime ambiental. Desta forma, funciona, nesta SD, uma posição-sujeito de adesão ao discurso da SD 1, ou seja, instaura-se um movimento de identificação com a Formação Discursiva empresarial.

Em resposta a esta publicação, houve a postagem de um grande número de comentários, os quais materializam sentidos de questionamentos ao uso do termo acidente. Vejamos as SDs 5, 6 e 7, apresentadas a seguir, constituídas de postagens em resposta ao *tweet* de Ricardo Salles.

Figura 5 - SD 5 – Primeiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente.



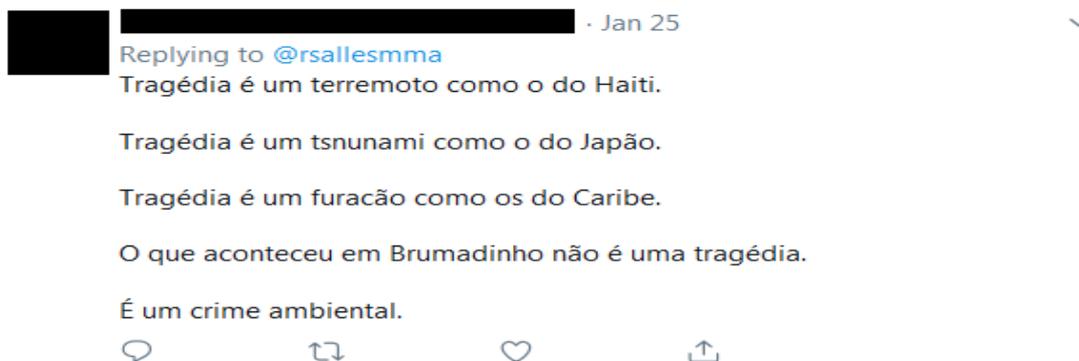
Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>>. Acesso em 07 de agosto de 2019

Na SD 5, funcionam sentidos de repúdio e resistência ao discurso empresarial da Vale e ao discurso estatal, pois também questiona o silenciamento do poder público e cobra ações dos membros do poder público que aparecem na publicação do ministro Ricardo Salles, pedindo a tomada de todas medidas cabíveis. Assim, na SD 5, o enunciador ocupa a posição-sujeito de que o rompimento não foi um acidente, mas um crime.

No trecho “Acidente natural é um tornado ou tsunami, o que ocorreu foi CRIME” instaura-se uma relação metafórica entre desastres naturais e o rompimento da barragem. Ocorre aí o funcionamento da metáfora discursiva, uma substituição, com efeitos de desestabilização de sentidos, já que tsunami e tornado, por exemplo, são acidentes naturais, enquanto o caso de Brumadinho é discursivizado com sentidos de crime. Nesta formulação da SD 5, o comentarista ocupa uma posição-sujeito de confronto aos sentidos de acidente para o rompimento da barragem, ou seja, uma posição-sujeito contrária à FD empresarial da Vale S.A., já que criminaliza a empresa pelo rompimento da barragem de Brumadinho.

Vejamos a próxima SD:

Figura 6 - SD 6 – Segundo comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente.



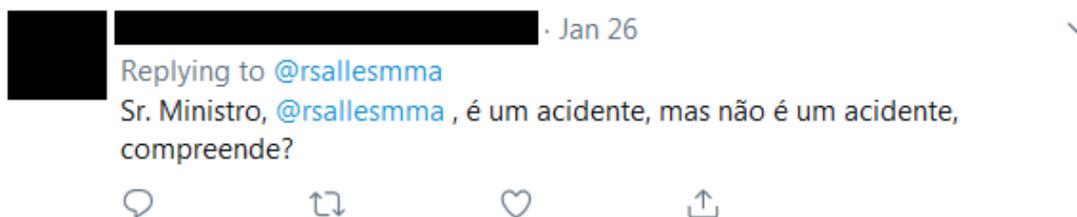
Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>>. Acesso em 07 de agosto de 2019

Já a SD 6 funciona em uma relação de paráfrase com a SD 5, sendo instaurada a reiteração do mesmo (ORLANDI, 2012). Em ambas materialidades são produzidos sentidos de tragédia para fenômenos naturais, enquanto que o rompimento da barragem é discursivizado com um sentido diferente, não como tragédia, mas de crime ambiental. É instaurado também, na SD 6, um efeito de paráfrase entre os termos tragédia e acidente. Tais palavras, apresentam semelhanças de sentidos, embora não sejam exatamente iguais, são “diferentes formulações do mesmo dizer segmentado” (ORLANDI, 2012, p. 36).

Além disso, ocorre nesta materialidade um deslizamento de sentidos de tragédia para crime ambiental. Dessa forma, a posição-sujeito que funciona na SD 6 é a mesma da SD 5, que confronta os sentidos de acidente e se opõe a FD empresarial. Entretanto, na SD 6, questiona-se o termo tragédia, que não apareceu na publicação do ministro do meio ambiente, mas ocorre pelas diversas vozes que falam “pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres” (ORLANDI, 2012, p. 32).

Assim, podemos observar que ocorre uma disputa de sentidos nas redes digitais, neste caso, no *Twitter*. As respostas ao *tweet* de Ricardo Salles instauram um embate entre discurso e contradiscursos. Na SD seguinte, também funciona este jogo de forças.

Figura 7 - SD 7 – Terceiro comentário digital em resposta à publicação do Ministro do Meio Ambiente.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/rsallesmma/status/1088905582600470532>>. Acesso em 07 de agosto de 2019

Por fim, a SD 7 questiona o próprio sentido de acidente nesta conjuntura, afirmando que o rompimento é e, ao mesmo tempo, não é um acidente, o que levanta dúvidas sobre a intencionalidade e inevitabilidade do acontecido.

Enquanto o ministro Ricardo Salles ocupa uma posição-sujeito de defensor dos interesses empresariais, totalmente identificado com a FD empresarial, nesta SD, o sujeito do discurso questiona a evidência de sentido do termo acidente.

Segundo o especialista Dr. Carlos Barreira Martinez⁸, em entrevista ao jornal Estado de Minas dois dias após o rompimento, casos como o de Brumadinho podem ser evitados, pois “a estrutura não entra em colapso de uma hora para outra. Elas dão sinais. É preciso instrumentalizar e analisar o dado, mas as empresas não investem no conhecimento” (OLIVEIRA, 2019, n.p.). Desta forma, a inevitabilidade do rompimento é respaldada pelo discurso científico. Portanto, os sentidos de acidente, para se referir ao que aconteceu em Brumadinho, silenciam sentidos de responsabilidade da Vale. S.A.

Poucos dias depois do rompimento da barragem, o Ministro Ricardo Salles fez uma declaração mais longa sobre o ocorrido para uma rádio. A próxima SD apresenta um contradiscurso em relação a este pronunciamento.

Figura 8 - SD 8 – *Tweet* da Rádio CBN com declarações do ministro Ricardo Salles *retweetado* pelo ambientalista Carlos Rittl.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/carlosritt/status/1089867354371178496>>. Acesso em 23 de agosto de 2019

⁸ Carlos Barreira Martinez é doutor em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

A SD 8 traz um *retweet* feito pelo ambientalista Drº Carlos Rittl⁹ de uma entrevista feita pela Rádio CBN¹⁰ ao ministro do meio ambiente Ricardo Salles. O trecho do áudio da entrevista reproduzido no *tweet* materializa o discurso estatal, cujo enunciador é o ministro do meio ambiente, o qual sugere a redução da fiscalização de fazendeiros e de outros negócios; e que o licenciamento ambiental seja simplificado para que o governo possa focar suas operações em temas de maior impacto. Desse modo, o discurso estatal funciona em regime de aliança com a FD empresarial. Assim, o que gera “maior impacto” nesse discurso são apenas os lucros, não as vidas.

A função de *retweet* que pode ser utilizada no mesmo espaço do *tweet* compartilhado, é aqui utilizada para tomar uma posição de confronto. Na SD 8, o sujeito é interpelado ideologicamente pela Formação Discursiva Ambientalista, assim, ocupa uma posição-sujeito de defesa ao meio ambiente como prioridade, acima da indústria e do agronegócio, e entra em embate com a FD empresarial.

Na materialidade, o rompimento da barragem de Brumadinho é discursivizado como crime. Além disso, acontece um deslizamento de sentidos para o termo tragédia, em um efeito de polissemia, onde, diferente da SD 1, em que o termo é discursivizado como acaso, aqui, funciona um sentido de intencionalidade, com a tragédia sendo “fabricada” devido a ações do governo. Acontece, então, um confronto discursivo entre o discurso ambientalista e o discurso do governo, enquanto o primeiro se preocupa com o ecossistema, o segundo funciona em uma aliança com o discurso empresarial e o discurso neoliberal, buscando favorecer os setores do agronegócio e da indústria.

Em seguida, apresentamos outra SD em que funciona o discurso ambientalista.

Figura 9 - SD 9 –*Tweet* da Mídia NINJA reproduzindo trecho de nota da AGB e ANPEGE.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1089591477687279616>>. Acesso em 26 de agosto de 2019

9 Carlos Rittl é doutor em biologia tropical pelo Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e secretário-executivo do Observatório do Clima.

10 A Central Brasileira de Notícias (CBN) é uma rádio de notícias que pertence ao Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do país.

Esta SD apresenta um *tweet* da rede de jornalismo alternativo Mídia NINJA, com uma citação e um *link* para o texto completo da nota oficial emitida pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), reunida na 136ª Reunião de Gestão Coletiva (RGC), e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE).

O enunciador assume uma posição-sujeito contrária ao discurso da Vale S.A e ao discurso oficial do governo, ou seja, a de crime ambiental para o rompimento da barragem de Brumadinho. Na materialidade, ocorre uma regularidade discursiva com as SDs 6 e 7, nas quais também funciona o confronto aos efeitos de sentidos de acidente para o rompimento da barragem, pois não foi algo fortuito, como aqueles que ocorrem em fenômenos naturais.

Ocorrem também efeitos de sentido de denúncia à negligência como causa de rompimento da barragem, estabelecendo confrontos com o discurso empresarial e com o discurso governamental; efeitos de denúncia à irresponsabilidade da Vale. S.A e também da omissão do poder público na fiscalização nas operações da barragem de Brumadinho.

A próxima SD constitui-se de uma publicação efetuada algumas semanas após o rompimento, e também materializa sentidos de negligência na operação da barragem.

Figura 10 - SD 10 – *Tweet* do portal G1.



Fonte: captura de tela do *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/g1/status/1095287656898949125>>. Acesso em 12 de agosto de 2019

A SD 10 apresenta um *tweet* do G1, portal de notícias do Grupo Globo, publicado 18 dias após o rompimento da barragem. Segundo a publicação, a Vale S.A. tinha conhecimento antecipado dos riscos de rompimento da barragem de Córrego do Feijão. Essas informações foram depois confirmadas por funcionários (COLETTA, 2019) e por um relatório da Agência Nacional de Mineração que comprovou que não apenas a empresa estava ciente dos riscos, como omitiu propositalmente essas informações em relatórios (VALE, 2019).

A materialidade da SD 10 instaura sentidos de confronto com a memória de “tragédia” e “acidente” materializada na SD 1, desregulando a rede de implícitos (PÊCHEUX, [1983] 1999) e deslocando o sentido de “tragédia de Brumadinho”, que deixa de ser algo fortuito e passa funcionar com um sentido de crime ambiental.

Assim, nos embates discursivos sobre o rompimento da barragem de Brumadinho, discursivizado no *Twitter*, como ocorridos nas SDs anteriores, instaura-se um jogo de forças da memória com uma disputa de sentidos entre as formulações acidente/tragédia e crime ambiental. As condições de produção do espaço digital afetam esses embates; como escreve Dias (2016, p. 11), o digital produz “uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção”. Dessa forma, características do *Twitter* como a velocidade da propagação das notícias, a possibilidade de interação direta, de subjetivação através de curtidas e *retweets*, entre outras especificidades, produzem sentidos e instauram tomadas de posições.

CONCLUSÕES

As análises das sequências discursivas nos permitiram atingir os objetivos apresentados na introdução do presente trabalho. Pudemos verificar diferentes efeitos de sentido, acerca do rompimento

da barragem, produzidos sob as condições do espaço digital. Constatamos que, nas materialidades, há uma disputa de/por sentido entre acidente/tragédia e crime, conforme as diferentes posições-sujeito que os enunciadores ocupam.

Foi observada uma posição-sujeito identificada com a Formação Discursiva empresarial, em aliança com o discurso neoliberal, que discursiviza o rompimento como tragédia/acidente, com efeitos de acaso e não-intencionalidade, isentando a Vale S.A. da culpa pelo rompimento da barragem. Assim, nos discursos que circulam nesta FD, observa-se um efeito parafrástico entre acidente e tragédia. Em oposição a este discurso, identificamos que funciona uma posição-sujeito afetada pelo discurso ambiental, em aliança com o discurso científico, segundo os quais o rompimento da barragem configura-se como crime ambiental.

Nesse embate discursivo, ocorre o questionamento da evidência de sentido dos termos tragédia e acidente, que são confrontados com efeitos de sentido de culpabilização e intencionalidade, instaurando um deslizamento de sentidos e efeitos de polissemia para crime ambiental. Isso é possível devido à não transparência da linguagem, na qual o sentido não é evidente, tendo em vista que este, como explana Orlandi (2012b, p. 47) é constituído pela ideologia, “é uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história”.

Foi verificado também que, no jogo de força que existe na memória (PÊCHEUX, [1983] 1999), a materialização de novos sentidos sobre o rompimento instaurou um acontecimento que desregulou implícitos e estabilizou/desestabilizou sentidos sobre o rompimento da barragem.

Assim, observamos que o *Twitter*, enquanto mídia digital, funciona como uma arena discursiva (CORTES, 2015), um lugar de embates ideológicos com possibilidades de alianças e resistência, discurso e contradiscursos, afetado pela opacidade do digital.

REFERÊNCIAS

- COLETTA, R.D. Engenheiro da Vale diz que diretoria da empresa sabia de riscos da barragem de Brumadinho. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/engenheiro-da-vale-diz-que-diretoria-da-empresa-sabia-de-riscos-da-barragem-de-brumadinho.shtml>>. Acesso em 15 de agosto de 2019.
- CORTES, G. R. O. Do lugar discursivo ao efeito-leitor: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. [Tese de Doutorado em Linguística]. Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- COURTINE, J-J. Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.
- DIAS, C. A análise do discurso digital: um campo de questões. REDISCO: Vitória da Conquista, v. 10 n. 2 p. 8-20 2016.
- FGV/DAPP. Com 3,95 milhões de tuitos em três dias, discussão sobre desastre em Brumadinho cobra responsabilização da Vale. Fundação Getúlio Vargas - Diretoria de Análise de Políticas Públicas (FGV/DAPP). 2019. Disponível em: <<http://dapp.fgv.br/com-395-milhoes-de-tuitos-em-tres-dias-discussao-sobre-desastre-em-brumadinho-cobra-responsabilizacao-da-vale/>> Acesso em 01 de agosto de 2019.
- FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- FRANCO, F. #Brumadinho entra no trending topics do Twitter: 'nova Mariana'. Hoje em Dia, 2019. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/cidades/brumadinho-entra-no-trending-topics-do-twitter-nova-mariana-1.688780>>. Acesso em 3 de agosto de 2019.
- GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>>. Acesso em 05 de abril de 2020.
- INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina LEANDRO FERREIRA. (Org.). Memória e história na/da análise do discurso. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p.67-90.
- INDURSKY, F. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília (Orgs.). Práticas Discursivas e identitárias. Sujeito & Língua. Porto Alegre, Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS, 2008.
- JÚNIOR, O. L.; KONTZ, B. L. Uma Leitura Histórica sobre o Neoliberalismo e a Globalização. In: Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, 2016. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2016/01/leitura.html>>. Acesso em 05 de abril de 2020.
- MITTMANN, S. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: Anais do II Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/SolangeMittmann.pdf>> Acesso em 08 de agosto de 2019.
- MOREIRA, V. L.; ROMÃO, L. M. S. O discurso no Twitter, efeitos de extermínio em rede. RUA. Campinas, v. 2, p. 77-97, 2011. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/antiores/pages/pdf/17-2/5-17-2.pdf>>. Acesso em 02 de agosto de 2019.
- OLIVEIRA, J. Especialista analisa desastre em Brumadinho. Estado de Minas. Belo Horizonte, 27 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/27/interna_gerais,1024953/especialista-analisa-desastre-m-brumadinho.shtml>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

- ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2008.
- ORLANDI, E. P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996
- ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, Guilherme et. al. (orgs). Sujeito, sociedade, sentidos. Campinas: RG Editora, 2012.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2012b.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, [1969] 1997.
- PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, [1988] 2006.
- PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. Papel da Memória. 2ª ed. Campinas: Pontes Editores, [1983] 1999.
- PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, [1975] 1995.
- PÊCHEUX; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, [1975] 1997.
- SILVEIRA, J. da. Análise discursiva da hashtag #onagagné: entre a estrutura e o acontecimento. In: Anais do VI Seminário de estudos em análise do discurso. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/AnaliseDiscursivaDaHashtag.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2020.
- VALE deixou de relatar para agência de mineração problemas e riscos em barragem de Brumadinho. Folha de S. Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/11/vale-deixou-de-reportar-para-agencia-de-mineracao-problemas-e-riscos-em-barragem-de-brumadinho.shtml>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

Submissão: junho de 2020.

Aceite: fevereiro de 2021.